

Mercado Brasileiro de Seguros: Um retrato econômico de 1997

Francisco Galiza

Autor do livro "Economia e Seguros - Uma Introdução", publicado pela Funenseg

No ano de 1997, o mercado brasileiro de seguros continuou em seu processo de transformações e, dentre os aspectos mais relevantes, comentamos os seguintes:

i) A apresentação no Congresso Nacional da proposta de regulamentação do artigo 192, com suas inúmeras implicações no setor de seguros.

ii) As boas taxas de crescimento, em movimento contrário ao da economia do país, o que só destaca a importância de tal fato.

iii) A continuidade da entrada de empresas estrangeiras.

iv) As discussões da privatização dos seguros de acidentes de trabalho, da regulamentação dos planos de saúde e da reforma da previdência.

v) A necessidade de uma maior especialização nas empresas que operam no setor de seguros, já ocorrendo inclusive o aumento da utilização de áreas antes pouco exploradas neste mercado.

vi) O aumento do nível técnico dos seus profissionais.

vii) Os ajustes no setor empresarial, tal como fusões ou mesmo dificuldades de algumas companhias, fatos típicos do momento transitório em questão.

Na definição deste cenário, e além destes pontos citados, comentamos agora 7 outros aspectos, de caráter mais quantitativo.

1) Taxas de crescimento

Após o Plano Real, é fato notório que o mercado de seguros teve um crescimento extraordinário, tal como ressalta a tabela 1. Agregando os setores de seguros, de capitalização e de previdência privada aberta com fins lucrativos (PPA), observa-se que a variação total de 1994 a 1997 foi de 138%, embora com taxas de crescimento decrescentes ano a ano.

Na verdade, este é um dos grandes desafios para o setor de seguros no ano vindouro. Como manter as suas atuais taxas de crescimento, em um momento econômico com baixas taxas em quase todos os outros setores do país? Em princípio, tudo indica que, no médio prazo, a não ser que haja fatos extraordinários ao mercado - por exemplo, uma reforma da previdência, com reflexos nas empresas, ou mesmo uma maior participação do setor privado nos seguros de acidentes de trabalho -, tal cenário de queda na variação do crescimento deva se manter, já que sempre existiu uma correlação unitária e histórica entre a economia do país e o setor de seguros.

TABELA 1

COMPARATIVO DE FATURAMENTO

R\$ bilhões

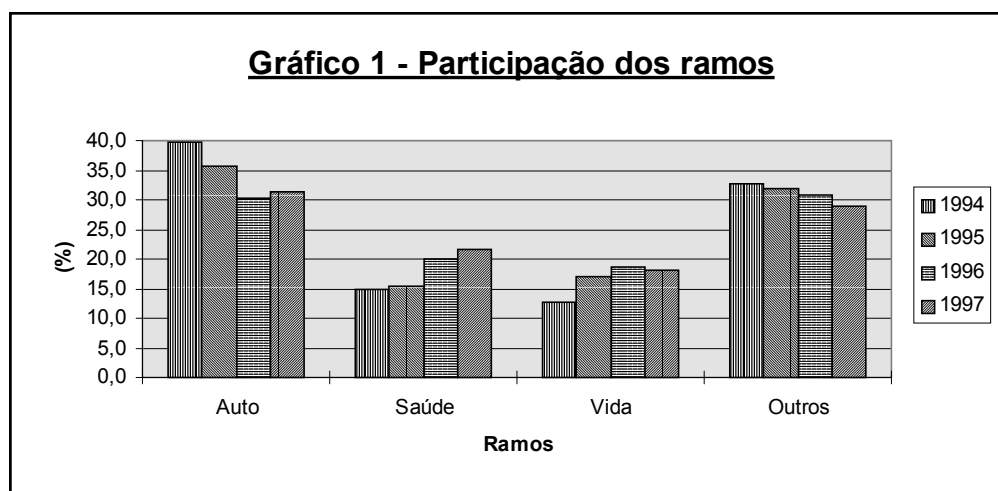
	Faturamento das Empresas *			Total
	Seguradoras	Previdência	Capitalização	
1994	10,04	0,48	0,89	11,41
1995	14,32	0,80	2,41	17,53
1996	15,32	1,17	5,73	22,22
1997	18,40	4,33	4,42	27,15

* Seguradoras: Prêmios Auferidos; Previdência: Receita de Planos; Capitalização: Receita de Prêmios

2) Participação dos ramos

Desde o Plano Real, os seguros de ramos elementares têm perdido espaço para os ramos vida e saúde. Neste período, o ramo automóvel modificou a sua participação em quase 10%, como mostra o gráfico 1, dado a seguir, enquanto que os ramos vida e saúde, somados, cresceram aproximadamente na mesma intensidade. Observar que, caso consideremos também os produtos de previdência como pertencentes a este grupo - já que as semelhanças são muitas -, as mudanças ainda seriam mais sensíveis. Na verdade, esta alteração não surpreendeu, pois ela é característica das economias modernas que trabalham com baixas taxas inflacionárias, como foi o caso do Brasil nestes últimos anos.

Entretanto, pode-se dizer que os números de 1997 revelam uma acomodação nesta tendência. Por exemplo, o caso do ramo automóvel é típico, já que a sua participação em 1997 (31,4%) foi inclusive um pouco maior do que o número correspondente em 1996.



3) Oferta de produtos

No período analisado, uma característica importante foi o aumento na oferta de produtos de seguros, principalmente os de PPA e de capitalização, como indica a tabela 2, que considera os grupos com atuação nos segmentos citados e que tiveram um faturamento mínimo de R\$ 100 mil em cada ano.

Para os próximos anos, o prognóstico é que este movimento continue, já que as seguradoras estão, cada vez mais, interessadas em oferecer uma gama variada de produtos (seguros, PPA e capitalização), atingindo então todas as possibilidades do setor.

TABELA 2

QUANTIDADE DE GRUPOS

	Grupos com faturamento mínimo *			Total
	Seguradoras	Previdência	Capitalização	
1993	88	14	7	109
1994	90	21	7	118
1995	87	26	9	122
1996	89	29	12	130
1997	88	29	14	135

* Considerados apenas os grupos com faturamento > R\$100mil/ano

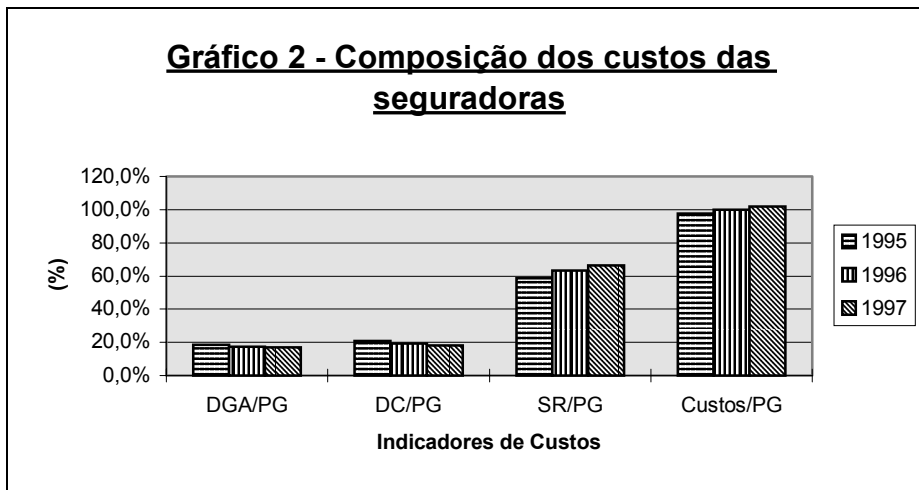
4) Custos nas seguradoras

No caso específico dos custos das seguradoras (Despesas Administrativas, Despesas de Comercialização e Sinistros Retidos), calculados em termos agregados e proporcionalmente ao faturamento das empresas (Prêmios Ganhos, PG), observamos 2 aspectos diferenciados nos últimos anos (vide gráfico 2) e, apenas, parcialmente compensatórios.

Nas Despesas Administrativas (DGA) e Despesas de Comercialização (DC), a trajetória é nitidamente decrescente. Por exemplo, em 1995, as relações DGA/PG e DC/PG eram 18,5% e 20,7%, respectivamente. Agora, em 1997, estes números são 17,1% e 18,3%. Por outro lado, o comportamento dos Sinistros Retidos (SR) em relação aos Prêmios Ganhos é completamente inverso. Em 1995, a taxa de sinistralidade global era de 58,5%; em 1997, já é de 66,4%. Ou seja, um aumento relativo e expressivo de quase 15%.

O resultado líquido destes dois movimentos contrários foi que os custos das seguradoras tiveram um aumento relativo de 4% nos últimos 2 anos. Este fato, somado ao aspecto de diminuição do nível de capitalização das companhias, como veremos em item seguinte, são pontos naturalmente preocupantes, quando avaliamos o nível inicial de risco das empresas.

Gráfico 2 - Composição dos custos das seguradoras

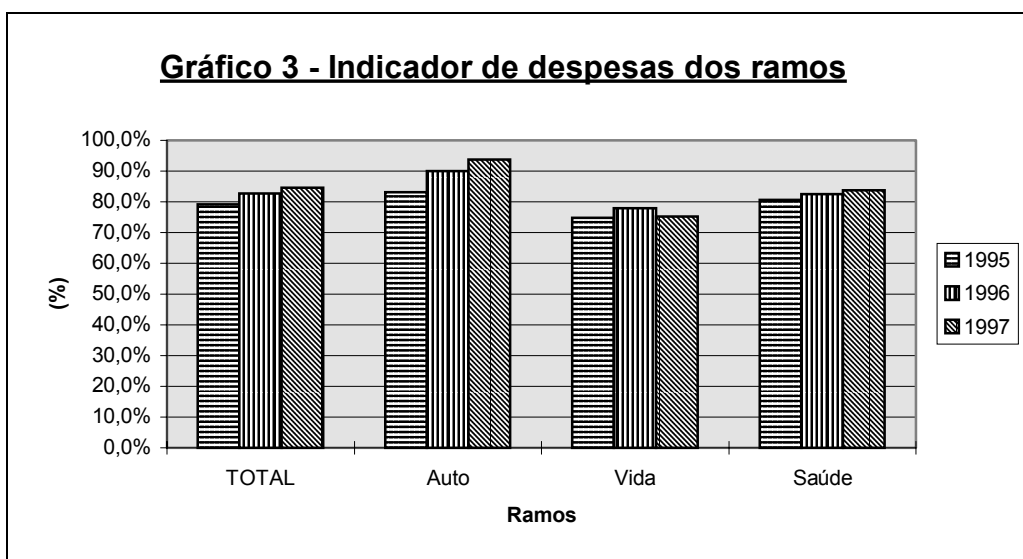


5) Rentabilidade das carteiras de seguros

Na análise de rentabilidade das carteiras de seguros, o estudo se concentrou apenas nos 3 ramos principais - automóvel, vida e saúde -, que totalizam 70% do faturamento de todo o setor.

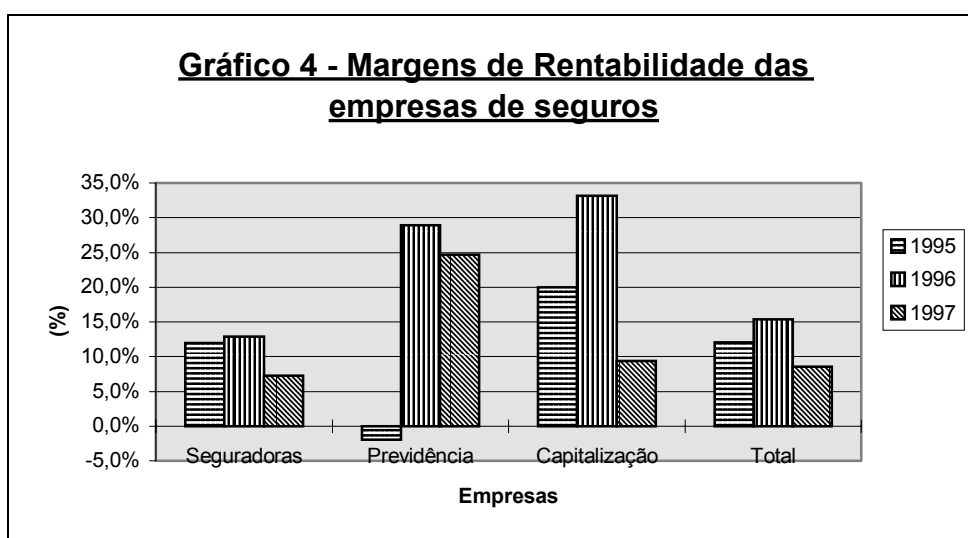
O gráfico 3 apresenta a evolução do indicador $(DC+SR)/PG$ para os 3 ramos citados, de 1995 a 1997. Inicialmente, constata-se um aumento nos custos totais das empresas, como já visto anteriormente. Nos casos individuais, observamos que o caso mais crítico foi o automóvel, em trajetória crescente em todo o período analisado; o ramo saúde, também em trajetória crescente, mas em ritmo inferior; e o ramo vida, em um patamar estabilizado. Em vista destes comportamentos, atualmente, os custos diretos do ramo automóvel estão bem acima dos demais. Por exemplo, em 1997, o valor do indicador para este ramo era de 93,8%; para o ramo saúde, 83,7%; e para o ramo vida, 75,2%.

Gráfico 3 - Indicador de despesas dos ramos



6) Rentabilidade das empresas de seguros

Avaliando agora a rentabilidade total (Lucro Líquido/Patrimônio Líquido) dos 3 grupos de empresas analisados, constata-se que, nos últimos 2 anos, as margens das seguradoras estão bem mais baixas do que as das empresas de PPA e de capitalização (vide gráfico 4), assim como a proporção dos seus lucros no total. Há, pelo menos, 2 motivos para explicar esta tendência. Primeiro, a própria queda de participação no faturamento das seguradoras em relação ao total, junto com as outras empresas. Em 1995, era de 82% e, em 1997, foi de 68%, com uma variação de 14%. Um segundo motivo, entretanto, pode ser creditado à própria diminuição na qualidade das carteiras de seguros, como já comentado nos itens anteriores.



7) Capitalização das seguradoras

Um fato importante nos números agregados das seguradoras brasileiras, dentro do enfoque de risco de insolvência, é que, nos últimos anos, o aumento no faturamento não tem sido acompanhado por um aumento proporcional no nível de capital próprio registrado nas Demonstrações Financeiras destas companhias (vide gráfico 5).

Mesmo que, teoricamente, um maior faturamento em uma empresa da área possa ser compatível com um menor nível de capitalização, como foi o que ocorreu para quase todas as companhias do setor, tal estratégia empresarial, neste momento específico, tem um certo grau de risco, já que vem acompanhada de uma queda de qualidade nas carteiras de seguros, como já mencionamos anteriormente.

Gráfico 5 - Evolução do nível de capitalização

